

Idiomaticidade em Gramática de Construções: a Construção de Contraexpectativa com “Bem” sob uma Análise Semântico-Pragmática

Idiomaticity in Construction Grammar: The Counter-Expectation Construction With “Bem” Under a Semantic-Pragmatic Analysis

Diogo Pinheiro*
Clara Sousa**
Brendha Portela***

RESUMO

Este estudo visa investigar um padrão idiomático existente em algumas variedades do português brasileiro identificado pelo item *bem*. Exemplos do seu uso são frases como “Eu bem vendi o colar que ela gostou” e “Meu nariz bem sangrou”, em que os valores canônicos associados a essa palavra, como os de modo, intensidade ou precisão, não são identificados; e cujo significado não é autoevidente. Diante de dados desse padrão, questiona-se: haveria um valor semântico-pragmático estável em todos os seus usos? Se sim, qual seria ele? À luz da Gramática de Construções Baseada no Uso, defendemos que todos os usos análogos a esses são instâncias de uma construção gramatical, denominada aqui Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB). Sob um viés exploratório, foi realizada uma análise qualitativo-

Recebido em 15 de março de 2023.

Aceito em 22 de junho de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n66.1360>

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, diogopinheiro@letras.ufrj.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro, css.clarasousa@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8008-2661>.

*** Universidade Federal do Rio de Janeiro, brendhaporcela@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0778-5851>.

interpretativa a partir de dados retirados de *corpora* com o objetivo de formular uma hipótese acerca do conteúdo semântico-pragmático dessa construção. Defendemos que ela é responsável por marcar a noção de contraexpectativa, se configurando, gramaticalmente, como um disparador de pressuposição negativa. Em uma perspectiva confirmatória, para testar esta hipótese, foi realizado um experimento psicolinguístico *off-line* de paradigma de escolha forçada, comparando enunciados com e sem a construção, cujos resultados fornecem evidências significativas em favor da proposta formulada.

PALAVRAS-CHAVE: Idiomaticidade. Bem. Gramática de Construções.

ABSTRACT

This study aims to investigate a particular idiom that occurs in some varieties of Brazilian Portuguese and is characterized by the presence of the item “bem” (lity ‘well’), as in “Eu bem vendi o colar que ela gostou” (literally, “I well sold the necklace that she liked”) and “Meu nariz bem sangrou” (literally, “My nose well bled”). In such sentences, meanings canonically associated with the item “bem” (such as manner, intensity or precision/focus) cannot be identified. In this paper, which relies on the framework of Usage Based Construction Grammar, it is argued that all sentences manifesting the non-canonical usage of “bem” are instances of one single grammatical construction, which we call the Counter-expectation Construction with Bem (CCB). On an exploratory basis, a qualitative-interpretative analysis based on data from different corpora was conducted to generate a hypothesis regarding the semantic-pragmatic import of the construction. We propose that it is responsible for signaling counter-expectation and functions as a as a trigger of negative presupposition. To test this hypothesis, an offline forced-choice experiment was carried out comparing sentences with and without the CCB. The results provide significant evidence for this hypothesis.

KEYWORDS: Idiomaticity. Bem. Construction Grammar.

Introdução

Muitas gramáticas, manuais e artigos têm apontado para o fato de que o item *bem* é um elemento bastante multifuncional no português brasileiro. Em resumo, ele tem sido explorado enquanto advérbio e enquanto marcador discursivo. A função adverbial é aquela reconhecida pela maioria das gramáticas tradicionais. Cunha e Cintra (2001, p. 557) destacam que essa

função pode veicular dois valores semânticos diferentes: o de modo (1) e o de intensidade (2).

(1) Jorge cozinha *bem*.

(2) Isabela deu um chute *bem* forte com a bola.

Para Ilari e Neves (2008), as classificações acima são instâncias da categoria de advérbios predicadores. Há ainda, para os autores, a categoria de advérbios de precisão, em que encontramos, também, um uso de *bem* enquanto advérbio – desta vez, atuando como focalizador (3), ou seja, veiculando uma semântica similar à da palavra “exatamente”, conforme aparece em (4).

(3) Sua caneta está *bem* ali.

(4) Sua caneta está *exatamente* ali.

Por fim, para além da função adverbial, o elemento em questão pode funcionar como marcador discursivo, preparando o raciocínio em início de turno (DETOGNE; LUQUETTI, 2014):

(5) *Bem*, o que eu quero dizer é o seguinte.

O que a literatura mostra é um fato: o elemento *bem* é um item com diversas funções no português. O que ela não dá conta é de reconhecer um uso particular dessa unidade que não tem sido explorado¹. Esse funcionamento específico, existente no PB², pode ser capturado por sentenças como:

-
- 1 Este artigo é baseado em duas monografias que objetivam, de maneira inédita, estudar este fenômeno: em Sousa (2021), ele foi estudado do ponto de vista descritivo e, em Portela (2021), de maneira experimental.
 - 2 Este estudo não pretende dar conta de uma caracterização regional do fenômeno estudado, de modo que não há nenhuma proposta sistemática nesse sentido. No entanto, afirmamos que se trata de um uso exclusivo do PB, não sendo gramatical nas outras variedades da

- (6) Eu *bem* vendi o cordão que a Maria gostou.
- (7) Minha tia tem *bem* ciúme da nora dela.
- (8) Eu atendi uma ligação *bem* do presidio hoje.
- (9) Minha saia tá *bem* sumida.

Observa-se, nesses casos e em sentenças análogas, que, apesar de o elemento figurar na posição em que aparece quando advérbio, ele não parece veicular modo, intensidade ou precisão – valores destacados anteriormente. Trata-se, aqui, de um uso idiomático desse padrão: não se pode depreender seu significado recorrendo às funções canônicas que ele exerce. Desse modo, questionamos: (i) há alguma noção que ele veicula, de forma estável, em todos esses casos?; e (ii) se sim, qual é ela?

Para responder estas perguntas, a pesquisa feita aqui se subdivide em duas etapas: uma exploratória e uma confirmatória. Nos valem, primeiramente, de uma análise qualitativo-interpretativa a partir de dados retirados de *corpora*. A partir da exploração destes e à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (BYBEE, 2010; GOLDBERG, 2006), propomos a hipótese de que (i) todos os usos análogos a (5-8) são manifestações de uma construção gramatical (ii) em cujo polo funcional reside o valor semântico-pragmático de contraexpectativa: a Construção de Contraexpectativa com Bem (CCB). Para confirmar esta hipótese, foi feito um experimento psicolinguístico de paradigma de escolha forçada envolvendo sentenças com e sem a construção.

A proposta de investigar este fenômeno não é gratuita. Há, aqui, a intenção de preencher uma lacuna na descrição gramatical do português brasileiro, que não reconhece a total diversidade de funções do item *bem*. Mais do que isso, este trabalho pretende se inserir na busca construcionista por demonstrar que a porção idiomática de uma língua é composta por

língua. Não obstante, apenas podemos afirmar que ele é gramatical no estado do Rio de Janeiro, afinal, há falantes de outras regiões do Brasil que não o reconhecem.

unidades produtivas cujo uso é regido por generalizações complexas, não devendo ser tratada como um mero apêndice de irregularidades (FILLMORE, KAY, O’CONNOR, 1988). A caracterização da CCB feita aqui visa, portanto, demonstrar a alta regularidade e complexidade por trás de sua utilização.

Este artigo está organizado como segue. Primeiramente, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, que consistem tanto em uma análise qualitativo-interpretativa, quanto na realização de um experimento psicolinguístico. Em seguida, será exposta a análise do padrão sob o ponto de vista da Gramática de Construções. Mais à frente, serão apresentados os resultados do experimento psicolinguístico realizado. Por fim, será feita uma síntese do artigo, delineando algumas considerações acerca do que foi proposto.

1. Métodos

A pesquisa apresentada aqui conta com dois diferentes métodos de análise, com diferentes objetivos. Primeiramente, foi feita uma análise qualitativo-interpretativa a partir de dados retirados de *corpora* online. Nesse método, a partir da exploração de dados da CCB, objetivamos estabelecer uma proposta de generalização relativa ao conteúdo do seu polo semântico-pragmático. Recorremos às fontes Museu da Pessoa, Corpus C-Oral, Corpus Brasileiro e Corpus do Português, utilizando o comando “bem + verbo”. Neste levantamento, conseguimos um total de 10 dados da construção: 9 do Corpus do Português, 1 do Corpus C-Oral e 0 nos demais³.

Diante desse conjunto de dados, nossa tarefa foi observá-los comparativamente buscando uma abstração, ou seja, um único valor semântico-

3 Reconhecemos que o número de dados encontrados foi relativamente baixo. De fato, este parece consistir em um fenômeno difícil de ser encontrado em textos escritos. No entanto, as sentenças foram utilizadas, aqui, apenas para que se buscasse uma hipótese acerca do significado da construção, a qual foi posteriormente testada empiricamente por meio de outro método, não qualitativo-interpretativo, mas experimental.

pragmático estável em todos os usos. Muitas vezes, foram utilizadas pistas contextuais presentes nos trechos em que a construção estava inserida para tentar entender, especificamente, que noção é acrescentada em uma sentença pelo seu uso.

Após a análise dos dados retirados dos *corpora*, que possibilitou a postulação (subjativa) de uma análise semântico-pragmática da construção, buscamos verificar a plausibilidade dessa proposta, uma vez que ainda seria possível questionar a realidade psicológica dessa descrição. Assim, para atestar ou refutar a hipótese formulada, foi realizado um experimento *off-line* de paradigma de escolha forçada, com o intuito de observar de que maneira construtos da CCB são interpretados, quando comparados a sentenças simples, isto é, sem a presença da construção. Nossa previsão é a de que o experimento confirmará a proposta segundo a qual a CCB, na medida em que marca quebra de expectativa, funciona como um disparador de pressuposição negativa.

2. A CCB e seu valor semântico-pragmático

O fenômeno estudado aqui pode ser elucidado através do contraste entre as duas frases abaixo:

(14) Eu fui à praia.

(15) Eu *bem* fui à praia.

É possível encarar essas duas sentenças como um par mínimo: qualquer que seja a diferença semântico-pragmática entre elas deve ser atribuída à presença do item *bem*, o único elemento que as diferencia. O que se observa é que (15) veicula não apenas a ideia de que o falante foi à praia, mas também a noção de que esse fato pode ser considerado, por algum motivo, algo fora do comum, inesperado por quem a escuta. Podemos hipotetizar que esta sentença teria sido produzida por um falante que é

conhecido por ser alguém que não costuma ir à praia; ou no caso de que o ato de ir à praia é reconhecido como errado, indiscreto (como ocorreu durante as políticas de isolamento social na pandemia do coronavírus). Por outro lado, ela poderia não ser uma frase bem sucedida, por exemplo, se imaginarmos um falante fictício que mora em frente à praia e que tem o costume de fazer esse passeio diversas vezes por semana.

Podemos também fazer um exercício de interpretação da seguinte frase:

(16) Meu nariz *bem* sangrou hoje.

Enquanto em (15) conseguimos imaginar contextos em que a frase seria tanto gramatical, quanto agramatical, em (16) parece ser difícil imaginar um cenário que torne esta sentença inaceitável. Para tal, seria necessário que o falante fosse alguém que, por algum motivo, passasse pelo evento denotado com frequência, de modo que isso fosse visto pelos demais sujeitos como algo normal e não prejudicial, por exemplo. Do contrário: a produção dessa frase parece se dever ao fato de que o evento de um nariz sangrar é reconhecidamente incomum e, mais do que isso, revelador de algum problema de saúde.

Por outro lado, em (17), a oração principal designa um evento tão altamente comum e banal que, de modo exatamente oposto ao caso em (16), é muito difícil imaginar um contexto em que ela seja uma *boa* frase.

(17) Eu *bem* respiro.

Ainda assim, poderíamos fazer um exercício de imaginação para provar que um *background* de contraexpectativa torna a frase gramatical: imaginemos um mundo fictício em que ETs não obtêm oxigênio pela respiração, mas um deles, que é descendente de uma ET com um humano, é capaz de respirar. Com isso, ele decide contar para um amigo ET sobre a sua habilidade extraordinária e, então, profere (17). Nesse caso, tal frase seria totalmente gramatical.

Observe-se que decorre exatamente da presença do *idiom* estudado na sentença a necessidade de haver um contexto análogo a esse. Como se pode ver, em todos os usos desse padrão idiomático, é evocada a ideia de que o evento designado nas sentenças é inesperado, ou seja, contraria algum tipo de expectativa social estabelecida. O que o falante parece fazer ao usar o elemento *bem* é justamente marcar esse fato: admitir publicamente que sabe que aquilo que ele vai informar pode soar surpreendente para seu interlocutor.

Nesse sentido, inserindo-nos no modelo da GCBU, propomos que todos usos de *bem* análogos a (15-17) são instâncias de uma mesma construção gramatical, que denominamos Construção de Contraexpectativa com Bem. Defendemos que a ela está associado, sistematicamente, o valor semântico-pragmático de *quebra de expectativa*: tecnicamente, dizemos que isso ocorre porque, ao utilizar a CCB, o enunciador evoca a pressuposição de que o ouvinte não esperava ouvir aquilo que foi dito pelo falante. A asserção veiculada pela sentença e a pressuposição evocada pela construção devem ser, portanto, sempre contrárias⁴ – enquanto o que é evocado em (15-17) são as expectativas de que o falante *não* iria à praia, de que seu nariz *não* sangraria e de que ele *não* respiraria, o que ele de fato comunica é o exato oposto. Trata-se, portanto, de um gatilho de pressuposição – mais especificamente, de um *disparador de pressuposição negativa*, na medida em que as proposições evocadas são sempre o inverso daquilo que é transmitido explicitamente.

Mais do que uma conclusão a que se pode chegar a partir de dados inventados, essa generalização pode ser observada em dados reais de uso linguístico. Observe-se o dado retirado do Corpus do Português abaixo:

(18) Não há como saber se Marielle Franco foi levada por uma torrente nova de horror, um agora também rotineiro trucidamento de militantes de direitos humanos da cidade grande. Mas de qualquer modo terá sido levada em uma confluência de barbáries. # A vereadora do PSOL era

4 Os conceitos de asserção e de pressuposição são utilizados aqui conforme estabelecido em Lambrecht (1994).

feminista, defensora de direitos de negros, de favelados, da vida. É muito plausível que por isso tenha sido emboscada e morta. Mas a jovem política foi vítima também da institucionalização do crime ou do crime que toma as instituições. # Sua morte *bem* pode ter sido encomendada por milícias, essa mistura de máfias com esquadrões da morte, de caráter paramilitar, integradas também por ex-policiais. Milícias e facções são o crime institucionalizado.

Analisando todo o trecho, podemos perceber que, de início, o jornalista avalia a possibilidade de que a então vereadora Marielle teria sido assassinada meramente como consequência dos valores que ela defendia: por ser militante dos direitos humanos, estaria vulnerável a ataques. No entanto, em seguida, o autor considera um motivo alternativo para o crime, o de que o assassinato seria interessante para o crime institucionalizado. Essa segunda hipótese é, inclusive, introduzida por uma conjunção adversativa, ou seja, há claramente um contraste entre as duas teses.

O que se deve observar no comportamento linguístico do jornalista é que ele utiliza a CCB no momento em que levanta essa segunda possibilidade. Assim, no trecho “sua morte bem pode ter sido encomendada por milícias”, o escritor não apenas veicula a asserção de que haveria a possibilidade de a morte de Marielle ter sido exigida por milicianos; ele também enquadra essa mesma ideia como algo contrário ao que se espera quando se parte do princípio de que ela poderia ter sido morta simplesmente por ser ativista de direitos humanos.

O uso da CCB enquanto um marcador de contraexpectativa está, pois, alinhado às demais escolhas discursivas do jornalista: primeiramente, ele cria no leitor uma expectativa para o motivo da morte de Marielle, mas logo em seguida a contraria, utilizando justamente a CCB para enquadrar a segunda proposta como uma contraexpectativa. Nesse caso, portanto, a construção dispara uma pressuposição negativa, especificamente, a de que Marielle não teria sido vítima do crime institucionalizado; ao mesmo tempo, a sentença

como um todo veicula a asserção contrária: a de que a vereadora foi, sim, vítima desse tipo de crime.

Observe-se, também, o dado (19), retirado do Corpus do Português:

(19) Quanto a Cabral: réu por a 2^{la} vez, um espanto!, ele entrou com habeas corpus para sair de o Complexo Penal dos Pinhais, em Curitiba, e voltar à Penitenciária de Bangu, no Rio, onde tem visitas fora de hora, bons colchões, comidinhas bacanas e um home theater de Zona Sul. Quem analisa é o ministro Gilmar Mendes, que cuida de casos correlatos e *bem* pode devolver Cabral para a Cidade Maravilhosa. Um escândalo a mais, um a menos... # Isso, porém, é só parte da pesada pauta do Supremo em este ano eleitoral.

Neste trecho, o jornalista parece estar seguindo o seguinte caminho discursivo: ele constrói a prisão de Bangu como aquela em que Cabral terá regalias, algo que contraria uma expectativa social, já que há o senso comum de que presidiários não devem recebê-las. No texto, o uso da palavra “escândalo” para se referir à transferência do político é um elemento linguístico que corrobora essa tese. O que propomos é que, ao sugerir a possibilidade de que isso de fato aconteça, o enunciador antecipa uma atitude ingênua ou moralista do seu receptor, que não espera isso, veiculando, via CCB, a pressuposição de que Cabral não seria transferido para uma prisão com mais benefícios. Dessa maneira, ele não apenas veicula explicitamente a ideia de que essa mudança pode, de fato, acontecer, mas também marca, de maneira implícita, por meio da Construção de Contraexpectativa com Bem, que ela contraria as expectativas do seu ouvinte.

Em suma, o que os dados acima demonstram é que a CCB parece ser usada para marcar gramaticalmente o fato de que o enunciador calcula que seu ouvinte não esperaria ouvir aquilo que seria dito. Isso, por sua vez, implica dizer que esse elemento se configura, portanto, como um gatilho de pressuposição negativa: ele marca gramaticalmente a *evocação de uma proposição contrária* à asserção veiculada na sentença em que se insere.

Diante da elaboração desta hipótese, cabe verificar se ela de fato se mostra pertinente em termos de realidade psicológica.

3. Desenho experimental

Com o objetivo de verificar a hipótese formulada na seção anterior (a de que a CCB consiste em um elemento disparador de pressuposição negativa), foi realizado um experimento *off-line* de paradigma de escolha forçada elaborado a partir de sentenças com e sem a CCB, como mostram os exemplos a seguir.

- (20) a. O Luiz *bem* comprou um livro.
b. O Luiz comprou um livro.
- (21) a. A Sofia *bem* foi passear na praia.
b. A Sofia foi passear na praia.

Defendemos aqui que sentenças com a CCB, como (20a) e (21a), evocam uma pressuposição exatamente contrária à asserção veiculada na sentença. Em (20a) e (21a), as pressuposições evocadas são, respectivamente, a de que Luiz não havia comprado um livro e a de que Sofia não havia passeado na praia. Ao mesmo tempo, são veiculadas, pelos falantes destas frases, asserções opostas: Luiz, na verdade, comprou um livro; e Sofia, na verdade, foi passear na praia. Em contrapartida, não se pode dizer o mesmo sobre frases como (20b) e (21b), que não contam com nenhum tipo de disparador de pressuposição e consistem, portanto, apenas em representações de fatos (nestes casos, o fato de que Luiz comprou um livro e o fato de que Sofia passeou na praia).

No experimento realizado, a tarefa de cada participante era responder às perguntas interpretativas feitas após cada sentença lida, para as quais havia três opções de resposta ((A), (B) ou (C)). Todas as alternativas (A)

envolviam *evocação de pressuposto positivo*: no caso de o participante ler uma sentença como (20a), por exemplo, a resposta (A) marcava a ideia de que era esperado que o Luiz comprasse um livro. Por outro lado, todas as alternativas (B) envolviam *evocação de pressuposto negativo*: nesse mesmo caso, a resposta marcava a ideia de que não era esperado que o Luiz comprasse um livro. As alternativas (C), por fim, sempre envolviam *indefinição*, isto é, a *impossibilidade do participante de escolher entre (A) ou (B)*⁵. Neste desenho experimental, portanto, a variável dependente em jogo é a quantidade de vezes em que cada alternativa (as opções (A), (B) e (C)) é escolhida, enquanto a variável independente é a presença ou a ausência da CCB nas sentenças julgadas pelos participantes.

Cada participante do teste, realizado no software *OpenSesame* (versão 3.2.3b1), foi exposto a dezesseis estímulos distratores; incluídos no experimento com o objetivo de evitar que o informante identificasse com facilidade o objeto investigado – e a oito estímulos críticos: quatro da condição com a CCB e quatro da condição sem a CCB. Após cada frase, que ficava disponível na tela por 4800ms, o participante deveria selecionar uma dentre as três alternativas ((A), (B) ou (C)) relativas à sentença que havia acabado de ler – nesse momento, os participantes podiam levar o tempo que julgassem necessário para selecionar uma das alternativas.

Utilizamos o delineamento experimental em quadrado latino para dividir os estímulos críticos em dois scripts ((A) e (B)), a fim de impedir a repetição de material lexical entre as duas condições experimentais. Além disso, todos os estímulos críticos com a CCB que compuseram o experimento foram elaborados de acordo com o padrão SVO, sempre com o item *bem* posposto ao sujeito. A mesma estrutura oracional foi usada para criar os

5 Embora seja uma prática metodológica comumente adotada, aqui não houve contrabalanceamento das alternativas (A) e (B) a fim de evitar uma tendência de respostas por parte do informante. Reconhecemos que esse aspecto deve ser revisitado e reformulado em pesquisas futuras.

estímulos críticos sem a CCB, que, no entanto, não contavam com acionadores de pressuposição ou focalizadores de qualquer natureza.

Na introdução do experimento, foi pedido que os participantes se imaginassem em uma situação hipotética: a de que eles entrariam em uma sala onde conversam dois amigos, um menino e uma menina (os quais ele não conheceria). Logo em seguida, os participantes ouviriam a menina dizer uma frase para o menino. Dentro dessa cena hipotética, cada frase a ser julgada pelos informantes é proferida por essa personagem (a menina). Nesse contexto, atuando como observador do diálogo entre esses dois personagens, o sujeito deveria inferir, a partir de um enunciado produzido pela menina, que tipo de “cálculo” ela estava fazendo em relação ao estado mental do interlocutor (o menino).

Nesse contexto, as alternativas (A) e (B) de todas as frases indicavam uma expectativa do ouvinte (o menino) sobre o conteúdo proposicional exposto pela falante, *a menina*. A alternativa (A), para todas as sentenças, indicava uma expectativa positiva do *menino* em relação ao conteúdo proposicional da sentença proferida pela *menina*. A alternativa (B), por outro lado, sempre indicava uma expectativa negativa do menino em relação ao conteúdo do que é dito pela menina – ou seja, ela indicava que a informação dada pela menina não era esperada por ele. Os estímulos críticos de ambas as condições podem ser vistos a seguir⁶:

6 O quadro 1 contém os estímulos críticos do script A.

Quadro 1 – Estímulos críticos.

COM A CCB	SEM A CCB
<p>João bem tirou 10 em matemática.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.</p> <p>b) O menino não esperava que João tivesse tirado 10 em matemática.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>	<p>A Sofia foi passear na praia.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Sofia tivesse ido passear na praia.</p> <p>b) O menino não esperava que Sofia tivesse ido passear na praia.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>
<p>O Luiz bem comprou um livro.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Luiz tivesse comprado um livro.</p> <p>b) O menino não esperava que Luiz tivesse comprado um livro.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>	<p>A Joana pintou o cabelo.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.</p> <p>b) O menino não esperava que Joana tivesse pintado o cabelo.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>
<p>O Paulo bem comeu brigadeiro ontem.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Paulo tivesse comido brigadeiro.</p> <p>b) O menino não esperava que Paulo tivesse comido brigadeiro.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>	<p>A Eliane foi à missa hoje.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Eliane tivesse ido à missa.</p> <p>b) O menino não esperava que Eliane tivesse ido à missa.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>
<p>O Carlos bem comeu tomate.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Carlos tivesse comido tomate.</p> <p>b) O menino não esperava que Carlos tivesse comido tomate.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>	<p>A Fernanda viajou para os Estados Unidos mês passado.</p> <p>Na sua opinião:</p> <p>a) O menino esperava que Fernanda tivesse viajado para os Estados Unidos.</p> <p>b) O menino não esperava que Fernanda tivesse viajado para os Estados Unidos.</p> <p>c) Não é possível afirmar que A nem B são verdade.</p>

Naturalmente, optamos por incluir os estímulos críticos sem a CCB a fim de verificar se uma eventual tendência a respostas (B) para os construtos da CCB poderia ser de fato associada à presença dessa construção em particular. Além disso, o delineamento do experimento foi intra-sujeitos, para que todos os participantes pudessem ser expostos a estímulos de ambas as condições (com e sem a CCB).

Em relação ao perfil dos participantes, 30 sujeitos, de 19 a 64 anos, participaram voluntariamente do experimento. Todos eram falantes nativos do PB e possuíam ensino superior completo ou incompleto, em áreas de formação diversas. Quanto aos critérios de exclusão, optamos por não realizar o experimento com estudantes de Letras que pudessem ter afinidade com a área de Linguística, visto que poderiam identificar mais facilmente o objeto investigado, o que provavelmente afetaria as respostas dadas por esses voluntários⁷.

4. Previsões experimentais e análise estatística

Nossas previsões são as seguintes: (i) para os estímulos com a CCB, a quantidade de seleções da alternativa (B) será significativamente maior do que a quantidade de escolhas das demais alternativas ((A) e (C)); e (ii) para os estímulos sem a CCB, a quantidade de escolhas das alternativas (A) e (C) será significativamente maior do que a quantidade de seleções da alternativa (B).

A fim de analisar estatisticamente os dados obtidos, foram realizados dois testes qui-quadrado de bondade de ajuste (*goodness of fit*). Num primeiro momento, dividimos os resultados de acordo com as três categorias a que cada alternativa correspondia. Dessa forma, as opções (A) foram inseridas na categoria de evocação de pressuposto positivo; as opções (B), evocação de

7 Cada informante, ao aceitar participar da pesquisa, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando os pesquisadores responsáveis a utilizar os dados obtidos no experimento.

pressuposto negativo; e as opções (C), indefinição. Em seguida, a diferença estatística entre as respostas dadas para cada condição (com e sem a CCB) foi calculada separadamente. Nesse caso, o grupo de respostas sem a CCB funcionou como um grupo controle, já que teve a função de mostrar se a tendência observada para os estímulos com a CCB era ou não motivada pela presença da construção. O quadro abaixo sintetiza a hipótese, as previsões experimentais e os testes estatísticos realizados.

Quadro 2 – Hipótese, previsões experimentais e testes estatísticos.

HIPÓTESE	PREVISÕES EXPERIMENTAIS	TESTES ESTATÍSTICOS
A CCB tem valor de contraexpectativa e atua gramaticalmente como um disparador de pressuposição negativa.	A quantidade de seleções da alternativa ligada à evocação de pressuposto negativo (B) será significativamente maior nos construtos com a CCB, ao passo que o mesmo não será verdade para os construtos sem a CCB.	Dois testes qui-quadrado de bondade de ajuste: um para os estímulos com a CCB e o outro para os estímulos sem a CCB.

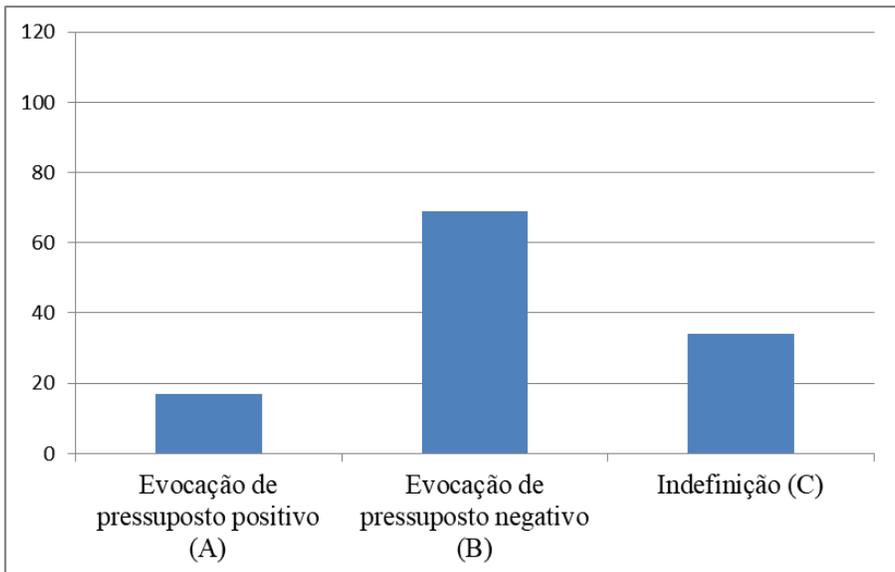
5. Resultados

Procuramos defender a proposta de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa, no sentido de que marca a ciência do falante de que seu ouvinte não esperava ouvir o enunciado proferido pelo primeiro. Em termos experimentais, essa hipótese se traduz na previsão de que as sentenças com a CCB receberão mais respostas (B) (evocação de pressuposto negativo) em comparação com as outras respostas (ao passo que o mesmo não será verdadeiro para os estímulos sem a CCB). A tabela e o gráfico abaixo mostram os resultados obtidos no primeiro teste qui-quadrado de bondade de ajuste, que analisou as respostas atribuídas exclusivamente aos estímulos da condição com a CCB.

Tabela 1 – Número de respostas atribuídas aos estímulos com a CCB.

Presença da CCB	
Alternativa	Número de respostas
Evocação de pressuposto positivo (A)	17
Evocação de pressuposto negativo (B)	69
Indefinição (C)	34

Gráfico 1 – Respostas atribuídas aos estímulos com a CCB.



Como a tabela mostra, de um total de 120 dados, a alternativa mais escolhida foi a (B) (evocação de pressuposto negativo), selecionada 69 vezes, ao passo que a alternativa (A) (evocação de pressuposto positivo) foi escolhida 17 vezes e a C (indefinição), 34 vezes. Isto é, observa-se uma nítida preferência pela opção que indica evocação de pressuposto negativo nos estímulos com a

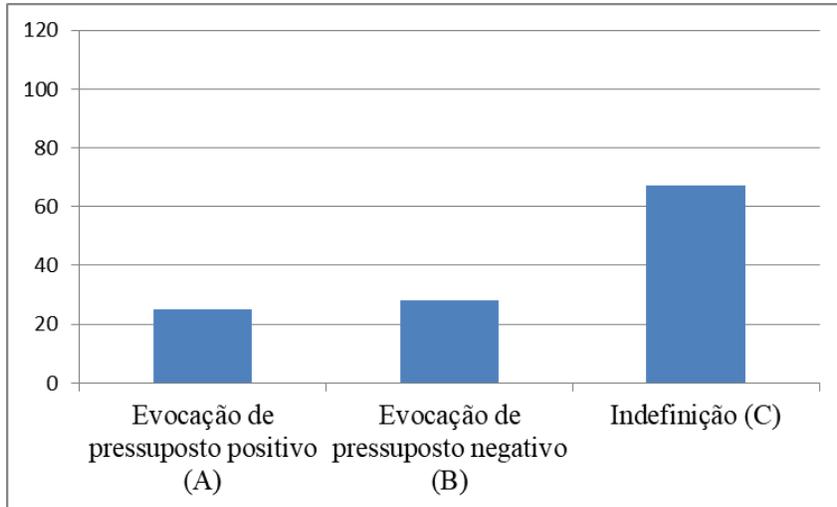
CCB, uma vez que os participantes optaram mais vezes pela alternativa (B) do que pelas outras duas alternativas somadas. Essa diferença, além disso, se revelou estatisticamente significativa ($p < 0.00001$). Esse resultado, portanto, sugere enfaticamente que a presença da CCB de fato favorece a leitura de contraexpectativa.

Embora esses primeiros resultados já revelem diferença significativa entre as respostas atribuídas à condição com a CCB, foi necessário verificar se essa era uma diferença gerada especificamente devido ao emprego dessa construção gramatical, e não a algum tipo de tendência geral que estaria presente em quaisquer tipos de sentenças. Por isso, comparamos esses resultados com os resultados do teste qui-quadrado de bondade de ajuste feito com os dados sem a construção, com o intuito de observar se essa tendência se manteve ou se o tipo de respostas atribuídas a esse segundo grupo difere do primeiro. A tabela e o gráfico abaixo mostram os resultados obtidos nesse segundo teste estatístico.

Tabela 2 – Número de respostas atribuídas aos estímulos sem a CCB.

Ausência da CCB	
Alternativa	Número de respostas
Evocação de pressuposto positivo (A)	25
Evocação de pressuposto negativo (B)	28
Indefinição (C)	67

Gráfico 2 – Respostas atribuídas aos estímulos sem a CCB.



Lembremos que o segundo grupo de estímulos, aqueles sem a CCB, era formado por sentenças SVO simples, destituídas de qualquer tipo de disparador de pressuposição, a fim de que, a partir delas, não fosse possível inferir qualquer tipo de expectativa (positiva ou negativa). Em relação a essas frases, verificou-se que a alternativa selecionada com mais frequência foi a opção (C) (indefinição), escolhida 67 vezes. Além disso, dentre os participantes que não selecionaram a alternativa (C), o número de pessoas que parecem inferir algum tipo de expectativa, positiva, ou negativa, é bastante dividido: 25 ocorrências para evocação de pressuposto positivo e 28 para evocação de pressuposto negativo. Como o cálculo qui-quadrado demonstrou, a preferência pela opção (C), para os estímulos sem a CCB, em detrimento das demais opções, também se mostrou estatisticamente significativa ($p < 0.00001$). A partir desses resultados, é possível inferir que a interpretação de pressuposição negativa não se manifesta na ausência da CCB.

Em síntese, verificamos que a inferência de pressuposição negativa é expressiva quando há a presença da CCB, o que, por outro lado, não ocorre com as sentenças que não contam com essa construção. Esse resultado pode ser observado numericamente, uma vez que a quantidade de seleções da alternativa (B) passa de 28, na condição sem a CCB, para 69, na condição com a CCB, ao passo que a quantidade de seleções da alternativa (A) passa de 17 para 25 e da opção (C), de apenas 34 para 67. Esses números corroboram nossa previsão e sugerem, ao mesmo tempo, que (i) a CCB de fato parece estar associada a uma interpretação de evocação de pressuposição negativa, como revela o primeiro teste estatístico, e que (ii) essa parece de fato ser uma característica particular da CCB, e não uma tendência geral de interpretação para quaisquer tipos de enunciado, conforme indicado pelo segundo teste estatístico. Em termos de realidade psicológica, o conjunto de evidências experimentais aqui reportadas parece validar a hipótese, apresentada anteriormente, de que a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa.

Considerações finais

Esta pesquisa buscou apresentar uma proposta semântico-pragmática para a Construção de Contraexpectativa com Bem e testar a sua realidade psicológica, por meio de um experimento psicolinguístico. Segundo essa análise, a CCB atua como um disparador de pressuposição negativa, na medida em que marca a ciência do falante de que seu ouvinte não tinha a expectativa de ouvir o que foi dito pelo primeiro. Para verificar essa hipótese, foi feito um experimento de escolha forçada, em que os sujeitos julgaram sentenças com e sem essa construção. Os resultados obtidos revelaram diferença estatisticamente significativa entre as respostas dadas pelos participantes para os dois tipos de enunciados julgados, o que fornece evidências que corroboram a hipótese levantada neste artigo.

Estando comprovado empiricamente que a Construção de Expectativa com Bem marca a ideia de contraexpectativa, devemos apontar ainda que ela deve ser entendida como uma construção de intersubjetividade (VERHAGEN, 2005). Afinal, esta não atua na representação de um objeto de conceptualização específico, como fazem as construções bitransitiva e locativa, por exemplo. Estas duas construções são utilizadas pelo falante para designar, especificamente, a ação de transferência e a noção de localidade (respectivamente), relativas ao nível O (VERHAGEN, 2005). Do contrário, a Construção de Contraexpectativa com Bem pode ser utilizada para designar diferentes situações particulares, como, nos dados (15-17), os eventos de ir à praia, de um nariz sangrar e de respirar. Na verdade, a CCB atua na *conceptualização* de objetos, sendo responsável por enquadrar a asserção veiculada em cada sentença como uma quebra de expectativa. Mais ainda, trata-se de um padrão relacionado ao nível S por atuar na interação entre sujeitos, de modo que o falante, ao utilizá-la, reconhece a existência de um ouvinte que detém um conjunto específico de conhecimentos e expectativas (mais especificamente, expectativas contrárias àquilo que é veiculado via asserção).

Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DETOGNE, K. P.; LUQUETTI, E C. F. O Estudo do item bem como marcador discursivo: uma perspectiva da linguística funcional para o ensino de língua materna. **Agenda Social**, v. 8, n. 2, p. 12-19. 2014.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. **Language**, vol. 64, n. 3, p. 501-538. Set. 1988.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PORTELA, B. “**Eu bem queria virar jacaré**”: um estudo experimental sobre a Construção de Contraexpectativa com Bem. 2021. 39 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOUSA, C. **A Construção de Contraexpectativa com Bem e seu valor semântico-pragmático**. 2021. 47 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Português e Literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VERHAGEN, A. **Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.